



O FENÔMENO BULLYING E A IMPORTÂNCIA DE ABORDÁ-LO NA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ana Luiza Viana Santos¹

Franciel Matheus Alves Lima²

Milena Aragão³

GT11 - Educação e Psicologia.

RESUMO

O *Bullying* é um fenômeno que ocorre em todas as instituições de ensino do mundo independentemente de localização, sendo pública ou particular. Trata-se de um subconjunto de comportamentos agressivos e maldosos que resultam em danos para as vítimas, a curto e longo prazo. O objetivo do presente artigo é discutir este fenômeno, em especial a ausência de debates no curso de Psicologia. Assim, por meio da pesquisa bibliográfica e do relato de experiência, intencionamos refletir sobre o fenômeno bullying, enaltecendo a importância de se abordar este tema no interior das instituições de ensino superior, com ênfase no curso de Psicologia, para que profissionais estejam mais preparados para lidar com o fenômeno a fim de prevenir, intervir e conscientizar a comunidade escolar sobre este tipo de violência.

Palavras-chave: Bullying. Psicologia. Violência.

ABSTRACT

Bullying is a phenomenon that occurs in all educational institutions in the world regardless of location, whether public or private. It is a subset of aggressive and malicious behaviors that result in harm to victims in the short and long term. The purpose of this article is to discuss this phenomenon, especially the absence of debates in the Psychology course. Thus, through the bibliographical research and the experience report, we intend to reflect on the bullying phenomenon, highlighting the importance of addressing this issue within higher education institutions, with emphasis on the Psychology course, so that professionals are more prepared to deal with the phenomenon in order to prevent, intervene and make the school community aware of this type of violence.

Keywords: Bullying. Psychology. Violence.

¹ Graduanda do quarto período do Curso de Psicologia da Faculdade Estácio de Sá. Email: luizaviana13@hotmail.com

² Graduando do segundo período do Curso de Psicologia da Faculdade Estácio de Sá.

³ Doutora em Educação. Professora do curso de Psicologia da Faculdade Estácio de Sergipe.



INTRODUÇÃO

O *Bullying* pode ser um termo novo para muita gente, mas ele é muito mais antigo do que podemos imaginar. Existem várias maneiras de conceituá-lo, mas no geral a essência de seu significado é a mesma, sendo um conjunto de comportamentos violentos físicos ou psicológicos, de caráter repetitivo e intencional contra uma pessoa ou grupo.

Segundo Fante (2011, p. 29) o *bullying* é definido como um “comportamento cruel e intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de ‘brincadeiras’ que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar”.

As “brincadeiras de mau-gosto”, como era denominado o *bullying* antigamente, na maioria das vezes passa despercebido aos olhares de educadores e pais, dificultando identificar o fenômeno e diferenciá-lo do que realmente seria o ato de brincar ou uma ação violenta. Todavia, ao buscarmos o significado de brincar no dicionário, é possível perceber que este ato perpassa a idéia de diversão, de alegria, onde ambos se divertem. No *bullying*, por outro lado, apenas uma pessoa (ou grupo) se diverte enquanto outros estão em sofrimento, sinalizando para uma relação adoecida.

Relações interpessoais fazem parte do nosso cotidiano, seja no trabalho, no condomínio, na escola ou na faculdade, sempre nos relacionaremos com sujeitos, a qual pode ter um caráter positivo ou negativo. Neste contexto, o *bullying* pode existir para além dos muros das escolas, sendo um problema existente onde existir relações humanas. Quando nos referimos a esse fenômeno, é inevitável não imaginarmos o ambiente escolar, local onde os relacionamentos interpessoais são intensos e onde os envolvidos são crianças e adolescentes, que necessitam de amparo e intermediação para a resolução desses problemas.

De acordo com Fante (2011, p. 61), a presença do fenômeno *bullying* “constitui realidade inegável, acontecendo em 100% em nossas escolas, independente do turno, das áreas de localização, de serem as séries iniciais ou finais, ou de ser a escola pública ou privada”. Desta forma, é possível mergulhar em alguns questionamentos acerca desse fenômeno, tais como: se o *bullying* é um problema existente em todas as escolas do mundo, porque essa conduta continua a crescer? Se o *bullying* tem prevalência dentro das salas de aula, porque é tão difícil a identificação por parte dos educadores? Será que educadores,



psicólogos e gestores educacionais estão preparados para lidar com esse fenômeno? Será que têm consciência da lacuna existente entre brincar e subjugar, ofender, maltratar e agredir uma criança? Será que sabem identificar o que é o *bullying*? Ou melhor, será que as graduações estão abordando o fenômeno *bullying*, para, assim, mudar a visão dos futuros profissionais?

Estas e outras questões mostram-se como o cerne de profundas e necessárias discussões, as quais nunca se esvaziarão, tendo em vista a complexidade do tema. Neste texto, não temos o intuito de respondê-las, mas de elaborar um processo crítico-reflexivo a respeito deste fenômeno, com ênfase em uma análise sobre a importância da promoção de debates sobre o *bullying* na graduação em psicologia. Buscamos através da pesquisa bibliográfica e do relato de experiência, mergulhar nesse tema que tantos traumas podem causar ao psiquismo de nossas crianças e adolescentes.

BULLYING: ALGUNS APONTAMENTOS

O termo *bullying* (do inglês *bully* = valentão, brigão), não possui um significado de forma literal, mas é bastante utilizado em diversos países para retratar a violência tanto física quanto psicológica de uma pessoa ou grupo para com outra pessoa ou grupos, sendo esta sem uma motivação lógica e evidente, mas sim por uma ação discriminatória e preconceituosa, ocasionando angústia e sofrimento para as vítimas. (FANTE, 2011; LOPES, 2005)

O *bullying* é um fenômeno específico e que não deve ser comparado com outras formas de violência. De acordo com Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen e um dos primeiros pesquisadores responsáveis por desenvolver os primeiros critérios para identificar os comportamentos de *bullying*, ressalta que tais atos apresentam características comuns:

São comportamentos produzidos de forma repetitiva em um período prolongado de tempo contra uma mesma vítima; apresentam uma relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos (OLWEUS *apud* FANTE, 2011, p.10).

As classificações do fenômeno, segundo o autor, podem acontecer de diferentes maneiras, manifestando-se diretamente, incluindo agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger). Contudo, pode-se manifestar de forma indireta – ressaltando trazer mais prejuízos –



acontecendo através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à exclusão da vítima de seu grupo social. (OLWEUS *apud* FANTE, 2011)

Segundo a autora Cleo Fante (2011), existem diferentes personagens que protagonizam as situações de bullying, sendo cada um portador de características e traços de personalidades significativos para agir ou se portar dentro de conceitos e tipos de papéis desempenhados, são estes: a vítima típica, A vítima provocadora, A vítima agressora, agressor e expectador.

Os papéis desempenhados no fenômeno *bullying* são assim explicados por Fante (2011, p. 71):

[...] A vítima típica é um indivíduo (ou grupo de indivíduos), geralmente pouco sociável, que sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros e que não dispõe de recursos, *status* ou habilidades para reagir ou fazer cessar essas condutas prejudiciais. Suas características mais comuns são: aspecto físico mais frágil que de seus companheiros [...], timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima [...], motivo pelo qual parece denunciá-lo agressor [...], que é “presa fácil” para os seus abusos.

A vítima provocadora é aquela que provoca e atrai reações agressivas contra as quais não consegue lidar com eficiência. [...], tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas geralmente de maneira ineficaz; pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensiva.

[...] A vítima agressora é aquele aluno que, tendo passado por situações de sofrimento na escola, tende a buscar indivíduos mais frágeis que ele para transformá-los em bodes expiatórios, na tentativa de transferir os maus tratos sofridos.

[...] O agressor é aquele que vitimiza os mais fracos [...], normalmente se apresenta mais forte que seus companheiros de classe e que suas vítimas em particular. [...] Ele sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se dispõe.

O espectador é o aluno que presencia o *bullying*, porém não o sofre nem o pratica. Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor. (FANTE, 2011, p.71)

Mesmo com a definição de cada papel desempenhado, não há evidências que permitam prever qual papel adotará cada aluno, uma vez que o pode ser alterado de acordo com as circunstâncias (DAWKINS *apud* LOPES, 2005).

No fenômeno *bullying*, há um desconforto em todos os envolvidos: na vítima, por ser o maior foco da agressão e da dor; em alguns espectadores, por não acharem adequada a atitude do agressor, mas não sentir segurança em manifestar-se, acabando por evadir-se do



local ou reforçar a conduta, naturalizando-a; e, por fim, é preciso valorizar a presença do agressor, seus sentimentos, momento que nos leva a refletir sobre suas condutas agressiva.

Decorrente de estudos relacionado à esfera behaviorista, o comportamento humano é estabelecido por meio de estímulos atribuídos ao ambiente, visto que estímulos violentos gerarão ações violentas. Nesta perspectiva:

O comportamento agressivo de várias crianças no ambiente escolar pode ser uma resposta a comportamentos agressivos que sofrem dos pais ou de qualquer ambiente em que convivem continuamente, demonstrando apenas que sofreram as influências das agressões sofridas e que aprenderam a se defender observando o tratamento de outros dados a ela mesma (FERREIRA E TAVARES, 2009, p191).

De acordo com um estudo desenvolvido por Fante (2011, p. 53), dentre diversos fatores determinantes ao fenômeno, a questão familiar teve destaque com 73% dos agressores entrevistados relatando que reproduziam a violência sofrida em casa contra os colegas da escola. Esses dados nos atentam em relação a forma de como as crianças aprendem a lidar com suas emoções em casa e onde elas podem descarregá-las. O famoso “violência gera violência” no fenômeno *bullying*, parece ter muito sentido.

REALIADE ESCOLAR

A partir da lei n ° 13.185(BRASIL, 1995), ficou instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional. Lei decretada no dia 6 de novembro de 2015, a qual prevê que o bullying deve ser abordado nas escolas e em toda sociedade como forma de prevenção e intervenção, informação e conscientização, sendo imprescindível a capacitação de docentes para identificar e atuar positivamente neste processo.

Nas palavras de Lopes (2005, p.12), “todos desejamos que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde crianças e adolescentes possam desenvolver, ao máximo, os seus potenciais intelectuais e sociais”. Porém, de acordo com uma pesquisa realizada por Fante (2005), o despreparo dos profissionais envolvidos na educação para a temática *bullying* surpreende:

Ficamos muito impressionados com a pouca conscientização da realidade do fenômeno nos meios educacionais e com o despreparo dos profissionais



desse setor para lidar com a violência, especificamente a velada. Algo que chamou nossa atenção foi o fato de muitos diretores negarem o fenômeno da violência existente em suas escolas, principalmente os que administram escolas particulares. Quando questionados, diziam: “Na minha escola não há violência, apenas alguns casos pontuais, mas atuamos imediatamente tomando as devidas providências junto aos agressores (FANTE, 2005, p.50/51).

A falta de conhecimento acerca de quais são as características do *bullying*, a não aceitação de que o *bullying* acontece em todas as escolas do mundo por ser um problema social emergencial e o não entendimento de como tais atitudes podem prejudicar a relação individual ou coletiva dos alunos, contribuem para a perpetuação do fenômeno nas salas de aula. Afinal de contas, como intervir em algo que não existe?

Dessa forma, tratando-se da negligência de profissionais em relação ao fenômeno, e das consequências estabelecida através de humilhações, o fenômeno *bullying* acaba gerando traumas psicológicos sérios nos jovens, desencadeando aspectos negativos a saúde mental da vítima atingida. Condições estas, que são refletidas no âmbito da aprendizagem, uma vez que a escola não é mais vista como um lugar saudável e de bom convívio, a criança acaba criando uma resistência em relação à mesma, perdendo assim a concentração e a motivação aos estudos.

As consequências do fenômeno *bullying* ultrapassam a relação agressor-vítima, trazendo danos gerais, uma vez que a proliferação da violência acaba por contaminar – ainda mais – a cultura de uma sociedade.

Segundo Silva (*apud* ALMEIDA; OLIVEIRA, 2016), tal fenômeno pode desencadear uma série de prejuízos para o desenvolvimento psicossocial do indivíduo, refletindo-se em forma de sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social, transtorno de ansiedade, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia, bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno do estresse pós-traumático, suicídios e homicídios.

Fante (2005) afirma que o *bullying* não é apenas uma problemática das vítimas, e sim algo mais complexo que abrange consequências para ambos os lados. Segundo a autora, pessoas que cometem tais atos cruéis acabam se distanciando dos conteúdos escolares e demonstrando maior propensão a criminalidade, tendo condutas desonestas e devastadoras. A



autora ainda ressaltava alguns dos prejuízos que o *bullying* pode trazer ao psiquismo de suas vítimas:

O medo constante e repetitivo bloqueia a agressividade e o bom funcionamento mental, prejudicando as funções de raciocínio, abstração, interesse por si mesmo e pelo aprendizado, além de estender-se a outras faculdades mentais ligadas à autopercepção, concentração, autoestima e capacidade de interiorização (FANTE, 2005, p.72).

A IMPORTÂNCIA DO TEMA BULLYING NA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Visto as consequências e os prejuízos psíquicos e comportamentais que o fenômeno *bullyig* provoca, tanto aos envolvidos diretamente, quanto a sociedade, fica notória a importância do conhecimento que profissionais envolvidos com o processo educacional deveriam ter, a fim de formularem estratégias eficientes de ação e modelos educativos que valorizem o afeto e a proatividade. Estratégias estas, que não visem apenas medidas paliativas como a punição ao agressor, mas sim medidas que envolvam a conscientização, prevenção e intervenção sobre o fenômeno, uma vez que o *bullying* é algo muito mais complexo para ser erradicado com rápidas medidas.

Segundo Fante (2005), o primeiro passo para a mudança começa pela conscientização:

A conscientização e a aceitação de que o *bullying* é um fenômeno que ocorre, com maior ou menor incidência, em todas as escolas de todo o mundo, independente das características culturais, econômicas e sociais dos alunos, e que deve ser encarado como fonte geradora de inúmeras outras formas de violências são fatores decisivos para iniciativas bem-sucedidas no combate à violência entre escolares (FANTE, 2005, p.91).

Nas palavras da autora: “[...] a prevenção ao *bullying* deve começar pela capacitação dos profissionais de educação, a fim de que saibam identificar, distinguir e diagnosticar o fenômeno, bem como conhecer [...] estratégias de intervenção”. (FANTE, 2005, p.92)

Mas será que os profissionais ou futuros profissionais estão sendo devidamente capacitados? Será que as graduações estão abordando o *bullying* com a devida importância? Se estes estudantes, logo após a formação acadêmica, forem inseridos em um contexto escolar, saberão identificar e lidar com o *bullying*?



Tendo como base esses questionamentos, iremos através de nossa perspectiva como estudantes de psicologia de uma faculdade particular, tentar responder a essas questões.

O FENÔMENO BULLYING: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Nas linhas que seguem, será relatada uma experiência de participação em um grupo de pesquisa que teve como objetivo investigar a percepção de estudantes de psicologia sobre o fenômeno Bullying.

Importante destacar que, anteriormente à aplicação da pesquisa, houve a preparação dos estudantes que participavam do grupo de pesquisa sobre o fenômeno bullying. Desta forma, no primeiro momento, foi designada pela Professora orientadora a leitura do livro intitulado: “Fenomeno *Bullying* – Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz”, da autora Cleo Fante. O livro foi lido e debatido entre os membros do grupo de pesquisa. Posteriormente, as reuniões do grupo envolveram a criação de estratégias metodológicas (dinâmicas grupais) para serem aplicadas nos participantes da pesquisa, a fim de captar suas percepções sobre o tema, através de atividades vivenciais.

Após a leitura do livro e definição metodológica, a pesquisa, seguimos para a etapa prática, isto é, foi organizado um grupo com nove participantes, todos estudantes de diferentes períodos do curso de psicologia (do primeiro ao décimo) de uma faculdade particular de Aracaju/Se, com o intuito de compreender suas percepções sobre o fenômeno bullying.

A segunda etapa contou com o convite aos estudantes do curso de psicologia, ocorrido mediante divulgação da pesquisa nas salas de aula, informando o objetivo, o critério de inclusão e um e-mail para inscrição. Os dados foram produzidos mediante quatro reuniões, realizadas nas dependências de uma faculdade privada de Aracaju/Se, contando com duas horas de duração cada, as quais ocorreram semanalmente. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados registros em imagem e gravações em áudio.

Os encontros foram conduzidos partindo de temas-chave, quais sejam: concepções e vivências dos estudantes a respeito do *bullying*; os múltiplos vieses que incidem sobre o fenômeno *bullying*; a presença dos estudos sobre o bullying no na formação em psicologia; a construção de possibilidades de ação frente à intervenção e enfrentamento ao *bullying*; w, por fim, um diálogo sobre o impacto dos encontros no cotidiano dos participantes.



Diante do exposto, muitos foram os momentos reflexivos e dialógicos entre os participantes da pesquisa e os membros do grupo de pesquisa, os quais oportunizaram perceber a falta do entendimento sobre o fenômeno *bullying*, tanto como a comparação do fenômeno com “brincadeiras” entre pares.

Ficou claro, que mesmo sem o entendimento palpável do *bullying*, muitos se emocionaram ao relatar alguns casos de violência na escola, e o quão forte é tocar nessa ferida que deixa o *bullying* na memória e nas vidas dos que já foram envolvidos, tanto como pais, amigos e vítimas.

Quando questionados em relação à presença da abordagem *bullying* na graduação em psicologia, seja na ementa, quanto nos planos de aula ou na vivência propriamente dita, todos os participantes relataram não terem tido um contato aprofundado, apenas através de um único *slide* de apresentação.

Neste contexto, cabe um questionamento: será que um *slide* supre a complexidade do fenômeno? Será que após este, um aluno estará preparado para lidar com a problemática em seu cotidiano de trabalho como psicólogos escolares? Os participantes da pesquisa afirmaram que não.

A negação acima asseverada foi identificada no momento da dinâmica teatral, a qual consistiu em dramatizações de cenas cotidianas de *bullying*, onde um estudante deveria interpretar o psicólogo/a e intervir na situação, visando resolvê-la. Como resultado, foi possível perceber o quão desorientados e aflitos os estudantes comportavam-se diante de situações de violência escolar. Usavam de recursos por base no achismo e senso-comum para resolver essas situações – via de regra o binômio punição-recompensa - e ficavam angustiados quando o mesmo não provocava o efeito desejado, manifestando sentimentos de raiva e frustração.

Partindo desta experiência, foi possível perceber que *bullying* não está sendo abordado devidamente em algumas instituições, fato, talvez, que pode contribuir para os crescentes índices estatísticos relacionados ao tema, tanto como o descaso e a negligência por parte de profissionais no âmbito escolar a esse assunto. Afinal, se um profissional de psicologia tem que trabalhar questões sociais como o *bullying* nas escolas, como o mesmo irá fazê-lo, se ele não estudou sobre isso na graduação?

O *bullying* é um fenômeno que ultrapassa os muros das escolas, e vale a pena ressaltar o nosso olhar atento também dentro das graduações. Uma vez que, é um local onde existem



relações interpessoais, preconceito, a discriminação e a falta de respeito às diferenças, funcionam como pulsão aos agressores disseminarem seus ataques.

Nós, como estudantes de graduação, já pudemos presenciar situações de *bullying* na faculdade e o conhecimento sobre o assunto é a maior ferramenta para poder distinguir determinados comportamentos e encaixá-los em seu específico fenômeno.

BULLYING: POSSIBILIDADES DE AÇÃO

Fundamentamo-nos no livro da autora Cleo Fante (2011) intitulado “Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência Nas Escolas e Educar Para a Paz”, como caminho para auxiliar a lidar com este fenômeno no cotidiano escolar. Assim, nas linhas que seguem, foi compilado um breve resumo com vistas a ampliar a perspectiva comumente utilizada de punir o agressor e recompensar a vítima.

O primeiro passo para a prevenção, como já foi dito anteriormente, é a conscientização do problema, a percepção e aceitação de que o bullying não é brincadeira entre crianças e jovens, mas sim uma forma de violência, causadora de profundas dores físicas e emocionais. Tal conscientização deve abarcar a clareza das dimensões sociais, educacionais, familiares e individuais do bullying, afastando-se da concepção de que se trata de um problema entre o agressor e agredido.

Nesse sentido, Fante (2011) assevera ser fundamental a redefinição da política organizacional da escola, no sentido de instituir regras democráticas e normas explícitas, as quais enalteçam valores como o respeito a todas as pessoas. Assim, há que se pensar em um processo de educação emocional de toda a comunidade escolar, a final, se a violência é um comportamento aprendido, ela pode, portanto, ser “desaprendida”, isto é ressignificada, questionada, desconstruída, por meio de projetos e programas de prevenção que priorizem atividades de auto e heteroconhecimento, onde prevaleçam aprendizagens de respeito, assertividade, empatia, mediação de conflitos, comunicação não violenta e, também, assuntos como diversidade, preconceito, gênero, homofobia, machismo, feminismo, entre outros temas que perpassam questões sociais.

Fante (2011) afirma ainda, ser imperativo que tais temas e competências sejam abordadas de maneira vivencial, com o uso de dinâmicas, vídeos, depoimentos e dramatizações de situações problema.



Vale salientar que uma mudança cultural em prol de uma cultura de paz, ocorre somente com a participação do coletivo escolar, incidindo em mudanças significativas na relação professor-aluno e, muitas vezes, no método de ensino utilizado pela instituição escolar, no sentido de desenvolver e manter um ambiente de aprendizagem positivo, que inclua e apoie os estudantes, onde as relações interpessoais se baseiem no respeito mútuo. Apenas atuando em todos os níveis – humano e estrutural – será possível reduzir o bullying nas escolas. (FANTE, 2011)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência entre estudante no meio escolar, seja física, psicológica ou verbal, ocorrendo de maneira repetitiva e intencional foi naturalizada por longos anos como brincadeira. “Estou só zoando”, dizem os jovens; “é coisa de criança, no meu tempo era assim” dizem os adultos. A naturalização da violência, seja como caminho educativo ou como parte das relações humanas, gerou um movimento de tolerância com relação às agressões, de tal forma que os adultos, os quais deveriam proteger e educar as crianças e jovens, não percebem a violência por eles sofrida, ou então, reforçam as situações de agressão, em especial as verbais.

Desta forma, é de máxima importância a abordagem do fenômeno *bullying* dentro das graduações, em especial no curso de psicologia, uma vez que são estes os profissionais por excelência para atuar na esfera dos relacionamentos interpessoais, auxiliando a comunidade escolar com reflexões e estratégias de ação para lidar com tudo o que envolve relações humanas.

Todavia, se o profissional não assumir uma postura crítico-reflexiva sobre o fenômeno bullying, este reproduzirá conhecimentos advindos do senso comum, atuando no âmbito da punição e recompensa, binômio já bastante discutido no campo acadêmico, o qual não surte efeitos na prática, tendo em vista o bullying ser um fenômeno multifacetado.

Assim, é imperativo que os cursos de formação inicial oportunizem em sua grade curricular uma disciplina voltada para questões de violência escolar, com ênfase no bullying, não só para oportunizar a desconstrução de crenças e valores culturais, mas também para oportunizar a elaboração de projetos que visem a redução deste tipo de violência na escola



O primeiro passo para a cultura de paz começa pelo reconhecimento do fenômeno, tanto como entender que suas consequências trazem prejuízos a longo e curto prazo na vida dos envolvidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. R. A; OLIVEIRA, F.A.F. **Consequências Psicológicas e comportamentais em adolescentes que sofreram bullying no ambiente escolar.** UNINGÁ Review .V. 25, n. 1, p.111-116.

BRASIL. Decreto n. 13,185. de 06 de nov. de 2015. **Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**, Brasília, DF, nov, 2017.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G.. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05/fev. 2018.

FANTE C. **Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência Nas Escolas e Educar Para a Paz.** 6ª ed. São Paulo. Versus Editora, 2011.

GUIMARÃES, J. R. **Violência escolar e o fenômeno 'bullying':** A responsabilidade social diante do comportamento agressivo entre estudantes. Revista Jus Vigilantibus, 2009. Disponível em: <<http://jusvi.com/artigos/41126>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

LOPES NETO A . **Bullying – Comportamento Agressivo Entre Estudantes.** Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06>>. Acesso em: 02 fev, 2018.

SILVA, A.B.B. **Mentes perigosas.** Rio de Janeiro: Fontanar; 2008. Disponível em: <<http://www.projetovemser.com.br>> Acesso em: 29 jan, 2018.